

Com os pés no chão

POR JULIANA CONTAIFER

**Nem líquidos
nem
românticos.
Os amores
de hoje não se
encaixam em
fórmulas.
Por trás dos
encontros
mais
frutíferos,
porém,
sempre há
respeito e
uma dose
generosa de
compromisso**

“Na hora de cantar, todo mundo enche o peito nas boates, levanta os braços, sorri e dispara: ‘Eu sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também’. No entanto, passado o efeito do uísque com energético e dos beijos descompromissados, os adeptos da geração ‘tribalista’ se dirigem aos consultórios terapêuticos, ou alugam os ouvidos do amigo mais próximo e reclamam de solidão, ausência de interesse das pessoas, descaso e rejeição.” O texto, popular nas redes sociais (e que já foi creditado a Paulo Coelho e até a Arnaldo Jabor), chama a atenção para a modernidade dos relacionamentos. Muito se fala sobre falta de compromisso, sobre desapego.

Em tempos de Tinder e Happn, quando se escolhe um futuro parceiro pelas fotos estilosas e não pelos interesses em comum, as pessoas estão perdidas. São muitas as opções, falta coragem ou abertura para dizer o que se sente e é difícil encontrar o tom certo em conversas virtuais — é mais fácil fingir que não se está nem aí.

A teoria do sociólogo polonês Zygmunt Bauman sobre o amor atual ser líquido é uma das mais comentadas e respeitadas quando o assunto é relacionamento moderno. Seria algo fluido, rápido, que dura pouco. “Ele acredita que a facilidade que as tecnologias do mundo globalizado trouxeram são transportadas para as relações e que as pessoas acabam tratando umas às outras como mercadorias: têm um tempo de vida útil e, no surgimento de algo mais interessante ou diante de alguma pequena insatisfação, são descartadas”, explica a escritora e pesquisadora Laura Pires, especializada em amor e relacionamentos.

Para a coach de relacionamentos Miria Kutcher, que tem um trabalho voltado para o aconselhamento de

mulheres, a ideia de Bauman é que falta densidade e profundidade. “É algo marcado por uma característica da época em que vivemos: as coisas vão passando; as marcas não são tão intensas; as pessoas não se jogam mais da mesma forma. Acho que é algo que tem dois lados”, afirma.

E qual seria a outra face? O sociólogo britânico Anthony Giddens afirma que a liquidez tem, sim, uma parcela positiva. Com toda a liberdade e cada vez mais longe da pressão de se casar e formar logo uma família, é possível encontrar alguém realmente especial. Segundo Laura Pires, nos relacionamentos modernos, as pessoas “não ficam presas a relações insatisfatórias, pois se sentem no direito de ir em busca de algo melhor quando alguma coisa não estiver dando certo”.

A coach Miria Kutcher recorre ao exemplo de um filme para ilustrar a mudança ocorrida nas últimas décadas. Em *Mensagem para você*, Meg Ryan e Tom Hanks se apaixonam trocando e-mails. Sofriam com a espera da resposta. Animavam-se com o barulhinho da mensagem. Suspense. “Hoje, anos depois, quanta coisa mudou. E uma das inovações está na tecnologia, no fácil acesso em conhecer pessoas do outro lado do mundo. O jogo de um relacionamento hoje é muito diferente. A mulher tem que ter uma agilidade inicial muito mais dinâmica, com uma participação muito mais ativa do que no passado, quando ela só ficava esperando o parceiro convidar, propor”, analisa.

Os coaches de relacionamento Mariana Viktor e Marco Antonio Beck, criadores do Eu & Nós, o primeiro site de relacionamentos do Brasil, contam que, líquidas ou não, relações positivas são aquelas em que as pessoas estão bem consigo mesmas. “A não realização dos próprios po-

tenciais acarretará na ‘liquefação’ de relações que poderiam dar certo, porque a pessoa projeta no outro a causa de sua sensação de vazio e infelicidade”, ponderam.

Um dos maiores problemas que a geração chamada de Y, ou *millennials* (nascida entre a metade da década de 1980 e meados dos anos 1990), vem vivendo no quesito relacionamentos é a redefinição do que é de fato um relacionamento de sucesso. Nesse teste em busca da relação ideal, os encontros vão se tornando efêmeros. “Pode ser uma coisa ruim, se as pessoas não se tratarem com respeito e honestidade — acontece muito de ir em busca de amor romântico, que não existe, e depois culpar o amor líquido. Pode ser muito bom, se não houver a expectativa do amor romântico. Por que durabilidade tem que ser sinônimo de qualidade numa relação? Acho que perdemos muito tempo acreditando na ideia de que existe um ‘grande amor’ e, com isso, deixamos de viver e aproveitar vários ‘pequenos amores’ que surgem”, afirma Laura Pires.

A pesquisadora explica que a geração Y já nasce em um mundo efêmero em todos os sentidos. Espera-se que as coisas durem menos. Por isso, colocam menos expectativas em relações e em uma única pessoa. “As pessoas não são mais ensinadas a idealizar o amor como faziam antes. A frustração entre esperar o amor romântico (que nunca existiu) em um mundo cada vez mais diferente dele é o que leva as pessoas a comprarem tão fácil o conceito de amor líquido. É aquela mágoa de querer um amor e não encontrá-lo, sem perceber que o desencontro é porque esse amor não existe — não porque vivemos em tempos em que se ama menos. Ainda se ama muito, só que de maneira mais realista”, enfatiza.